

**VISÕES &
ILUSÕES**



POLÍTICAS

Uma análise & crítica cristã
das ideologias contemporâneas

DAVID T. KOYZIS

“David Koyzis não só ajuda a compreender as cosmovisões que dão forma a uma variedade de perspectivas políticas, mas também nos apresenta uma análise das ideologias políticas de uma perspectiva cristã. Esse excelente livro é uma ferramenta indispensável para o entendimento das questões básicas que envolvem a ciência política.”

– **Richard J. Mouw**, presidente e professor de Filosofia Cristã no Fuller Theological Seminary.

“Com uma clareza incrível, Koyzis apresenta uma análise bastante perspicaz da relação entre *idolatria e ideologia*. Este não é um livro apenas para cristãos, mas para todos os que se interessam em compreender melhor a batalha das ideologias pelo coração dos homens.”

– **Jonas Madureira**, professor de Filosofia Cristã no Seminário Servo de Cristo e na Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

A análise de Koyzis é tanto uma pesquisa eficaz das diversas opções políticas contemporâneas como uma palavra de encorajamento para os cristãos discernirem as diferentes ideologias. Este livro combina uma análise teórica de fácil leitura com uma exposição fundamentada em um profundo conhecimento da filosofia cristã. Trata-se, portanto, de uma contribuição de extrema qualidade para o desenvolvimento do pensamento político de orientação cristã.”

– **Mark A. Noll**, professor de Filosofia Cristã no Wheaton College.

“As atitudes políticas no ambiente evangélico e católico vêm sofrendo uma profunda e violenta bipolaridade. Fervorosas adesões às ideologias de esquerda, ao conservadorismo ou ao liberalismo político dividem a igreja e vazam o seu amargor nas redes sociais. Haverá um modo melhor de construir uma mente política de orientação cristã?”

David Koyzis acredita que sim. Mostrando elevada competência tanto em teoria política quanto em teologia e filosofia cristã, o autor aponta a conexão oculta entre *ideologia e idolatria*, bem como a insuficiência da divisão esquerda/direita para orientar a posição cristã. Além disso, Koyzis explica por que a síntese entre a fé cristã e ideologias como socialismo, liberalismo e conservadorismo é uma doentia duplicidade espiritual e intelectual.”

– **Guilherme de Carvalho**, mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo e em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Fundador da Associação Kuyper Brasil (AKET) e diretor do LAbri Fellowship Brasil desde 2008.

**VISÕES &
ILUSÕES**



POLÍTICAS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Koyzis, David T.

Visões & ilusões políticas: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas / David T. Koyzis; tradução de Lucas G. Freire. — São Paulo: Vida Nova, 2014.

352 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-275-0586-4

Título original: *Political Visions & Illusions: A Survey and Christian Critique of Contemporary Ideologies*

1. Cristianismo e política 2. Ideologia — Aspectos religiosos 3. Cristianismo
I. Título II. Freire, Lucas G.

14-0422

CDD 261.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Cristianismo e política

VISÕES & ILUSÕES POLÍTICAS

Uma análise & crítica cristã
das ideologias contemporâneas

DAVID T. KOYZIS

TRADUÇÃO
LUCAS G. FREIRE


VIDA NOVA

Copyright ©2003, de David T. Koyzis
Título original: Political Visions & Illusions: A Survey and Christian Critique
of Contemporary Ideologies
Traduzido da edição publicada pela InterVarsity Press, Downers Grove, Illinois, EUA.

1ª edição: 2014

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA,
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970.
www.vidanova.com.br | e-mail: vidanova@vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos,
gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275-0586-4

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

SUPERVISÃO EDITORIAL

Marisa K. A. de Siqueira Lopes

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jonas Madureira

Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO

Marcelo Brandão Cipolla

COPIDESQUE

Wilson Almeida

REVISÃO DE PROVAS

Fernando Mauro S. Pires

SUPERVISÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Sonia Peticov

CAPA

Wesley Mendonça

Todas as citações bíblicas, salvo indicação contrária, foram extraídas da versão Almeida Século 21,
publicada no Brasil com todos os direitos reservados por Sociedade Religiosa Edições Vida Nova.



A marca FSC é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
1. INTRODUÇÃO: <i>ideologia, religião e idolatria</i>	15
Política e ideias	18
História e definições	20
A ideologia numa perspectiva cristã	26
Pré-requisitos para o surgimento de ideologias	27
A ideologia como um fenômeno religioso: esboço de definição	32
Classificação das ideologias: esquerda e direita	42
Discernindo os espíritos nas ideologias	46
2. LIBERALISMO: <i>a soberania do indivíduo</i>	50
Os diversos significados do liberalismo	52
O credo liberal	56
O liberalismo tardio e o crescimento do Estado	63
O bem e o direito: subsidiando escolhas	73
O Estado espiritualmente vazio: a privatização das crenças fundamentais	78
Pecado e salvação no liberalismo	82
3. CONSERVADORISMO: <i>a história como fonte das normas</i>	87
O doente e a doença: o credo conservador	91
Nossa grama é mais verde que a do vizinho	95
Quais tradições? Quando?	100
O conservadorismo e o cristianismo	108
O conservadorismo e o Estado	113
4. NACIONALISMO: <i>a nação deificada</i>	117
O credo de um século inteiro	125

Nacionalismo cívico e nacionalismo étnico: Estado <i>versus</i> tribo	131
A visão nacionalista do Estado	136
Lealdade patriótica: uma devoção moderada	140
O nacionalismo e os cristãos	143
5. DEMOCRACIA: <i>Vox populi vox Dei</i>	149
Estrutura e credo	149
Do liberalismo à democracia	155
As tentações majoritária e totalitária	160
Democratização sem limites	166
Recapitulação do credo e da estrutura: democracia direta <i>versus</i> democracia representativa	172
Representação: seguir ou liderar?	175
Democracia e justiça: comentário final	180
6. SOCIALISMO: <i>a salvação pela propriedade comum</i>	183
Um mundo de socialismos	184
Uma visão transformadora	189
Da democracia ao socialismo	192
Propriedade comum e ideologia socialista	197
Meios e fins: a igualdade e como alcançá-la	204
A visão marxiana e o marxismo	207
Distribuição equitativa de recursos econômicos	214
7. TRANSCENDENDO AS IDEOLOGIAS: <i>afirmando a pluriformidade social</i>	221
Uma resposta cristã e bíblica	226
Uma cosmovisão cristã: criação, queda e redenção	229
A ordem da criação: correção de algumas concepções errôneas	235
Discernindo os espíritos: pluralismos e pluriformidade	244
8. RUMO A UMA ALTERNATIVA NÃO IDEOLÓGICA: <i>duas abordagens cristãs</i>	260
O papel da doutrina social católica romana	260
O princípio da subsidiariedade: afirmando a sociedade civil	263

A Reforma: João Calvino e Johannes Althusius	269
Desenvolvimentos na Holanda: Groen van Prinsterer e Abraham Kuyper.....	271
Soberania das esferas: uma afirmação não hierárquica da sociedade civil	277
A contribuição de Herman Dooyeweerd	283
9. O ESTADO E SUA MISSÃO: <i>promovendo a justiça no mundo de Deus</i>	294
Justiça e responsabilidade diferenciada	304
A justiça e o Estado	314
EPÍLOGO: <i>rumo ao futuro</i>	319
BIBLIOGRAFIA SELECIONADA	323
ÍNDICE REMISSIVO	343

PREFÁCIO

A distância entre visão e ilusão é, às vezes, assustadoramente pequena. Todos queremos enxergar com a máxima clareza possível. Podemos até nos orgulhar, da nossa capacidade de entender e interpretar o mundo como ele realmente é. No entanto, em nosso contínuo esforço para compreender o mundo que nos cerca, nossa observação inevitavelmente é filtrada por uma ou mais cosmovisões. Uma cosmovisão ou o que os alemães chamam de *Weltanschauung* não é ainda um modelo teórico passível de verificação ou refutação pelos meios comuns de demonstração. Ao contrário, a cosmovisão é uma visão pré-teórica, arraigada num compromisso religioso básico, em interação com a experiência ordinária da vida.

Porém, toda visão está sujeita à distorção, e damos o nome de “ilusões” às visões distorcidas. Uma ilusão nos dá uma falsa interpretação do mundo, mas sua falsidade nem sempre é imediatamente evidente para todos, ao menos à primeira vista. Pelo contrário, uma ilusão pode ser persuasiva a ponto de convencer um sem-número de pessoas de que suas pretensões representam a verdade total. Apesar disso, até mesmo as ilusões têm um fundo de verdade, pois o próprio mundo para o qual elas olham é um dado inescapável. Poderíamos concluir daí que precisamos de algum meio, talvez até de um dom da graça de Deus, que nos capacite a entender a complexa relação entre essas visões e ilusões opostas, por um lado, e o mundo que elas tentam interpretar, por outro.

Caso se trate somente (por exemplo) de verificar se uma senhora de 35 anos e uma menina de 8 anos atravessaram a rua para ir à loja de brinquedos, parece que não precisamos ir além do nosso poder ordinário de observação. É quando tentamos analisar essa experiência comum de modo mais profundo que podemos deparar com interpretações conflitantes. Estamos, por acaso, vendo duas pessoas isoladas dedicando-se a um empreendimento comum mediante um acordo mútuo de seus interesses próprios? Estamos observando dois membros da burguesia que vão realizar uma transação comercial de um bem supérfluo, usando o tempo livre viabilizado pela condição privilegiada que possuem no sistema capitalista de produção? Estamos, talvez, enxergando duas cidadãs de um determinado Estado tirando vantagem da proteção que este lhes oferece para atravessar em segurança uma via pública movimentada e entrar no estabelecimento de uma sociedade empresarial de responsabilidade limitada? Ou estamos vendo simplesmente mãe e filha numa relação familiar assimétrica, caracterizada pelo mútuo amor e devoção? Num certo sentido, é possível vermos tudo isso, pois cada uma dessas interpretações nos revela uma faceta da realidade completa.

Contudo, se aceitarmos qualquer uma dessas versões como uma descrição completa da realidade, não estaremos apenas dando nosso mero assentimento à evidência dos sentidos; essa evidência estará sendo filtrada por uma cosmovisão que molda a nossa experiência, embora esta também molde a cosmovisão até certo ponto. Esse fato tem importantes implicações para a política. São muitos os debates acirrados no âmbito político que não acontecem simplesmente porque um ou outro lado se recusa a “aceitar os fatos” ou a “ser razoável” (como tantas vezes ouvimos), mas, sim, porque ambos os lados se pautam por visões diferentes da realidade, alicerçadas em paradigmas mutuamente excludentes. Apesar disso, mais adiante veremos que, na verdade, muitas dessas concepções políticas distintas, seja qual for o seu rótulo ideológico, têm origem numa única cosmovisão religiosa que vê o cosmo como um sistema essencialmente fechado, sem referência a um criador ou redentor. Em resumo, apesar do aparente conflito entre as diversas ideologias, no fundo todas elas são subespécies de uma categoria mais ampla, que será definida no capítulo 1: a idolatria.

Não tenho a pretensão de ter criado essa tese. Outras pessoas a defenderam antes de mim, notadamente o economista cristão holandês Bob

Goudzwaard em diversos livros seus, entre os quais *Capitalism and Progress* [Capitalismo e Progresso] e *Idols of Our Time* [Ídolos da Nossa Era].¹ No começo da minha carreira, fiquei profundamente impressionado com a forma como Goudzwaard isolou a ligação entre ideologia e idolatria. Ao ler *Idols of Our Time*, me convenci de que essa ligação precisava ser trabalhada de modo mais detalhado, aplicando-a a cada ideologia. Assim, Goudzwaard foi e continua sendo uma das principais influências que formaram meu pensamento.

Sou grato também a duas outras pessoas que muito impactaram minha maneira de pensar. James W. Skillen esteve por muito tempo à frente do Center for Public Justice [Centro para a Justiça Pública, Washington, D.C.] e da organização que o antecedeu, a Association for Public Justice [Associação para a Justiça Pública]. Skillen certamente é uma dessas pessoas que só crescem em sabedoria e conhecimento a cada ano que passa. Seus escritos são uma fonte abundante do discernimento que, embora de forma limitada, tentei expressar neste livro. No que se refere especialmente às questões aqui tratadas, aprendi muito com ele: sobre a extensão da fidelidade de Deus à sua criação, até mesmo diante da nossa incredulidade; e sobre o quanto as ideologias são deficientes no seu entendimento do caráter do Estado como instituição política diferenciada, com seu lugar próprio no mundo de Deus. O fato de termos dado ouvidos às diversas vozes ideológicas que distorceram nossa vida neste mundo não anula o fato de que ele ainda pertence a Deus e que, por sua graça preservadora, o impacto do pecado continua limitado. Também é verdade que, embora os adeptos de várias teorias tentem reduzir o Estado a alguma outra coisa — uma associação voluntária que não se distingue de um clube privado, uma sociedade comercial, um ponto focal para a lealdade comunitária —, a experiência pré-teórica é facilmente capaz de diferenciar a comunidade política de outras estruturas comunitárias, como a família. A missão estatal de promover a justiça, mesmo que tenha se pervertido de alguma forma, tende inevitavelmente a reemergir. Isso também é fruto da graça preservadora de Deus.

Também devo muito ao meu amigo e colega Albert M. Wolters, que, apesar de sua alegação possivelmente irônica de ter pouco interesse pela

¹Bob Goudzwaard, *Idols of Our Time*, Downers Grove: InterVarsity Press, 1984.

política enquanto tal, ajudou-me a compreender a ligação entre as ideologias e a heresia gnóstica da Antiguidade, a qual alega que a fonte do mal não está em nossa rebelião contra Deus e sua Palavra, e sim num problema estrutural da criação. No ato de não estabelecer diferença entre a estrutura da criação e seu sentido espiritual, os seguidores das diversas ideologias tendem a pressupor que a salvação vem da libertação da humanidade em relação a alguma faceta da criação de Deus; concomitantemente, eles depositam sua confiança em alguma outra faceta da própria criação.

Muitas outras pessoas me influenciaram ou desempenharam um papel mais direto na minha forma de pensar. As que mais contribuíram foram as seguintes: Abraham Kuyper, estadista cristão holandês e polímata, cujas reflexões sobre a política e a sociedade foram construídas em resposta à secularização generalizada dos Países Baixos durante o século 19; Herman Dooyeweerd, que foi por várias décadas catedrático de Filosofia do Direito na Universidade Livre de Amsterdã e cuja filosofia cristã tem me ajudado enormemente a compreender a natureza da política e do Estado; Jean Bethke Elshtain, da Universidade de Chicago, cujos escritos mostram um raro grau de bom senso motivado pelo esforço de se manter ao largo dos vários programas ideológicos; Paul Marshall, da Freedom House (Washington, D.C.), e Mary Ann Glendon, da Escola de Direito da Universidade Harvard, cujos textos sobre direitos humanos demonstraram quanto é complexa a reivindicação de direitos numa época em que estes são vistos como a resposta para qualquer controvérsia política; Roy A. Clouser, cujo livro *The Myth of Religious Neutrality* [O Mito da Neutralidade Religiosa],² juntamente com outros escritos, elucida o caráter dos vários tipos de crença religiosa e suas respectivas compreensões do mundo criado por Deus; Bernard Zylstra, que foi meu mentor no Institute for Christian Studies [Instituto para Estudos Cristãos, em Toronto] e me apresentou aos escritos de Hannah Arendt, Leo Strauss, George Grant e Eric Voegelin; Jacques Maritain, cuja aplicação de uma perspectiva neotomista católica romana às mais diversas áreas da atividade humana tem uma abrangência impressionante; Yves R. Simon, cujas

²Roy A. Clouser, *The Myth of Religious Neutrality*, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1992.

reflexões sobre a autoridade e seu lugar numa sociedade democrática continuam a fazer sentido décadas depois de terem sido formuladas; David L. Schindler, cuja abordagem católica agostiniana à compreensão das ideologias é muitíssimo parecida com a abordagem desenvolvida no presente livro; H. Richard Niebuhr, cujas reflexões pioneiras sobre a relação entre cristianismo e cultura impactaram diversos pensadores na segunda metade do século 20; Hannah Arendt, Sheldon S. Wolin e Bernard Crick, os quais entendem que a política é simplesmente política — uma forma insubstituível, se bem que não utópica, de permitir que interesses diversos e potencialmente conflitantes coexistam em paz; e George Grant e Christopher Lasch, um canadense e um americano que compreendem, acima da maioria, que o embate ideológico contemporâneo nem sempre é o que parece ser e reconhecem que a popular divisão dicotômica entre esquerda e direita no debate político contemporâneo é simplista, na melhor das hipóteses, e enganadora, na pior.

Devo também reconhecer as contribuições de outras pessoas que leram e comentaram os rascunhos deste livro ou ajudaram, de alguma forma, na sua composição. Além de Skillen e Wolters, incluo: John Hiemstra (The King's University College, em Edmonton, Alberta), Fred VanGeest (Dordt College, Sioux Center, Iowa), Anthony Wells (Secretário de Correspondência do Exmo. Sr. William Hague, ex-líder do Partido Conservador do Reino Unido); John Fawcett (Biblioteca Memorial Buswell, Wheaton College, Wheaton, Illinois), William G. Witt (Igreja Episcopal), Donald Leach (Wellesley College), Edward A. Goerner (Notre Dame University, Indiana), Elaine Botha, Robert MacLarkey, Harry van Dyke, Jacob Ellens, Michael Goheen, Justin Cooper e outros colegas no Redeemer University College, John Bolt (Calvin Theological Seminary, Grand Rapids), Paul Brink (Eastern University, St. David's, Pennsylvania), Michael C. Hogeterp (Igreja Cristã Reformada), Gary Miedema (Tyndale College, Toronto) e, finalmente, Douglas R. Johnson, grande amigo e colega de graduação, que me apresentou aos escritos de Kuyper e Dooyeweerd há mais de trinta anos. Meus agradecimentos vão também para o Redeemer University College por ter coberto parte das despesas ligadas à preparação deste livro. Todas essas pessoas e instituições contribuíram de alguma forma para este projeto. Naturalmente, a responsabilidade por qualquer imperfeição é minha.

Finalmente, quero fazer uma dedicatória dupla. Primeiro e acima de tudo, este livro é dedicado aos dois grandes amores da minha vida, minha esposa, Nancy, e minha filha, Theresa; o amor delas por mim é maior do que eu jamais poderia imaginar. Quando comecei a escrever este livro, eu era solteiro. Agora sou um homem de família, experiência que enriqueceu de veras o meu entendimento dos assuntos aqui considerados. Em segundo lugar, dedico este livro aos meus alunos do passado, do presente e do futuro, que estimulam meu pensamento. Eles têm sido sempre leais para comigo e têm me trazido a mensagem da graça de Deus ao longo dos anos.

Soli Deo gloria. A Deus somente seja a glória.



Ideologia, religião e idolatria

Vivemos numa época extraordinária. Até pouco tempo atrás, parecia que o mundo estava preso num impasse apocalíptico entre as duas superpotências e suas ideologias rivais. Durante os quarenta anos da Guerra Fria, ambos os lados gastaram imensa energia tentando converter os corações e as mentes dos povos do mundo, seja ao comunismo, seja à democracia liberal. Embora considerações antiquadas sobre o interesse nacional tenham feito parte desse longo conflito, a Guerra Fria, especialmente nos seus anos finais, foi singular no sentido de ter sido antes de tudo um choque entre *ideias* opostas. Durante esse período, uma deserção para o outro lado — como, por exemplo, as de Kim Philby ou Arkady Shevchenko — não era tanto uma questão de trair a pátria quanto de declarar uma crença nos ideais que alimentavam o sistema político e econômico do país rival. Naquele contexto, toda a noção de lealdade à pátria tinha uma conotação diferente em relação a outros conflitos do passado. É bem verdade que a Guerra Fria não foi o primeiro conflito ideológico da história, mas foi provavelmente o que mais durou.

Apesar disso, na era pós-Guerra Fria — se é que podemos chamá-la assim —, a tradicional lealdade a esses conjuntos de ideias que apropriadamente podemos denominar *ideologias* vem sofrendo um abalo inédito. Um dos fatores mais drásticos foi o colapso do comunismo, que ocorreu rapidamente no final de 1989 no Leste Europeu e acabou levando à dissolução da própria

União Soviética no final de 1991. Embora para muitos de nós, do lado de fora, isso tenha sido uma surpresa, os que estavam ali dentro, especialmente os cristãos, pareciam entender que o sistema marxista-leninista não perderia. Com efeito, é justo afirmar que, no final, a ideologia já estava morta havia algum tempo, ao menos no coração do povo. Em 1989, as aparências finalmente passaram a refletir a realidade viva da crença real das pessoas.

Uma transição não menos dramática foi o fim inesperado e surpreendentemente rápido do *apartheid* na África do Sul através da atuação de F. W. de Klerk e Nelson Mandela. Durante décadas, os africâneres¹ tinham crido ou tinham tentado convencer-se de que o método para resolver problemas numa sociedade plural era separar, pela força, os diversos grupos étnicos e “permitir” que cada um deles se desenvolvesse nos seus próprios termos, sob instituições políticas separadas. O *apartheid* era arraigado, ainda, num nacionalismo étnico que celebrava a glória da vida africâner: sua história, seu idioma e até mesmo seu tipo particular de cristianismo reformado. Ao fim do *apartheid*, até os brancos na África do Sul estavam em sua maioria convictos de que essa política tinha sido altamente destrutiva. O que aconteceu para que o *apartheid* fosse finalmente abolido foi nada menos do que a morte de um tipo de fé nacionalista.

Talvez com menos intensidade, nós ocidentais também temos experimentado renitentes dúvidas e inquietações diante de nossas próprias ideologias, especialmente o liberalismo e a democracia. O liberalismo, como veremos, se baseia numa crença na primazia do indivíduo. Hoje, ao que parece, estamos sofrendo as consequências de um individualismo exacerbado, evidenciadas em diversas patologias sociais graves. A insistência nos direitos sem a ênfase compensatória nas responsabilidades nos priva de quase todo fundamento para uma comunidade genuína, fato que os americanos têm descoberto com grande pesar. Até a democracia, que valoriza a comunidade muito mais do que o liberalismo, degenerou e vem se transformando em

¹Os africâneres são sul-africanos de origem holandesa, alemã ou francesa huguenote. Sua chegada à África se deu com o estabelecimento de uma base comercial no Cabo da Boa Esperança por Jan van Riebeeck, em 1652, para a Companhia Holandesa das Índias Orientais. Seu idioma, o africâner, é derivado do holandês.

Livro premiado em primeiro lugar na categoria não ficção/cultura pela The Word Guild Canadian Writing Awards.

O fim da Guerra Fria significou mais do que o triunfo de algumas ideologias políticas e o desaparecimento de outras. Na verdade, o colapso do comunismo criou um vácuo a ser preenchido rapidamente por várias visões alternativas, que vão desde o nacionalismo étnico ao liberalismo individualista.

As ideologias políticas não são questões de ordem estritamente governamental. Ao contrário, elas são intrínseca e inevitavelmente *religiosas*: todas elas partem de pressupostos sobre a natureza da realidade, dos indivíduos e da sociedade, bem como representam uma visão particular do que é o “bem comum”. O cristão deve, portanto, discernir as formas sutis que revelam quanto tais ideologias estão enraizadas em cosmovisões idólatras.

Nesta obra, o cientista político David Koyzis examina as principais ideologias de nossos dias, incluindo o liberalismo, o conservadorismo, o nacionalismo, a democracia e o socialismo. Koyzis oferece uma análise bastante cuidadosa e crítica de cada ideologia, com a finalidade de explicitar as questões espinhosas inerentes a cada cosmovisão. São apresentados tanto os pontos fortes como os fracos de cada ideologia. Em sua conclusão, o autor propõe modelos alternativos que desafiam sobretudo os cristãos que trabalham na esfera pública, bem como os cientistas políticos e estudantes do pensamento político moderno.



“David Koyzis não só ajuda a compreender as cosmovisões que dão forma a uma variedade de perspectivas políticas, mas também nos apresenta uma análise das ideologias políticas de uma perspectiva cristã. Esse excelente livro é uma ferramenta indispensável para o entendimento das questões básicas que envolvem a ciência política.”

– **Richard J. Mouw**, presidente e professor de Filosofia Cristã no Fuller Theological Seminary.

“Com uma clareza incrível, Koyzis apresenta uma análise bastante perspicaz da relação entre *idolatria* e *ideologia*. Este não é um livro apenas para cristãos, mas para todos os que se interessam em compreender melhor a batalha das ideologias pelo coração dos homens.”

– **Jonas Madureira**, professor de Filosofia Cristã no Seminário Servo de Cristo e na Faculdade Teológica Batista de São Paulo.